

Criando dimensões¹

Os atendimentos online e as reconfigurações do trabalho psicanalítico

Beatriz Troncon Busatto,² Ribeirão Preto

Resumo: A autora aborda aspectos das novas possibilidades de atendimento em psicanálise que utilizam os meios tecnológicos, como as plataformas online. Apresenta trechos clínicos de atendimentos realizados dessa forma e aponta algumas dificuldades para o empreendimento analítico se consolidar. Evidencia expressões da realidade psíquica e da interação analista-analisando, apreendidas e desenvolvidas nessa modalidade. Tece considerações sobre as modificações necessárias, tanto na técnica como no setting analítico, conjecturando quais são indesejáveis e quais se valem do meio de contato para favorecer a expansão do trabalho. Destaca, no material clínico apresentado, aquelas que acontecem sem renúncia ao método e ao pensamento psicanalítico.

Palavras-chave: atendimento online, técnica psicanalítica, setting psicanalítico, método psicanalítico

Forjar no trigo o milagre do pão

E se fartar de pão

CHICO BUARQUE E MILTON NASCIMENTO, “O cio da terra”

Primeiras ideias

A palavra *forjar* veio à minha mente enquanto refletia sobre alguns trabalhos analíticos que motivaram esta escrita. Entre muitos aspectos mobilizadores, tiveram a particularidade de ser realizados de maneira online.

- 1 Agradeço à professora doutora Marisa Giannecchini Gonçalves de Souza por iluminar e acompanhar as incursões em nossa língua-mãe.
- 2 Membro efetivo com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP).

Prefiro utilizar a expressão em língua inglesa à expressão “atendimento por meios remotos”, pois esta parece associar-se a uma ideia de distanciamento, que não corresponde, necessariamente, às experiências de atendimento assim realizadas. Online representa um sentido de contato, de conexão entre analista e analisando. O verbo *forjar*, presente na epígrafe, é pródigo em significados e sinônimos (Houaiss & Villar, 2001). Alguns estão em consonância com a letra da canção citada. São os de inventar, tecer, fabricar, criar. Outros apontam para qualidades diversas, como engendrar, mentir, induzir, maquinar. As nuances dos sentidos desse verbo parecem ser aplicáveis aos atendimentos online, e, por extensão, ao momento atual da psicanálise.

Sinto-me ante uma prática – considerando as novas possibilidades tecnológicas, mas não somente – que provoca perplexidades e dúvidas, que revoluciona, que requer nominação e compreensão mais ampla. Fazer ou não análises online? Em que condições? Para quais analisandos? Para quais analistas? E os casos graves? E a transmissão da psicanálise? Como ficam as formações psicanalíticas e as análises de formação? Parece haver um amplo panorama, apresentando-se com incontáveis derivações e indagações. São perspectivas que certamente influenciam a teoria e a técnica psicanalíticas, alavancadas pelos desenvolvimentos tecnológicos, os quais, por sua vez, estão intimamente relacionados às mudanças socioculturais.

Lembro-me de João Cabral de Melo Neto (1988/1997), que em seu “O ferrageiro de Carmona” nos diz, poeticamente, que há o trabalho com o ferro fundido, destinado às fôrmas, planejado e previsível, e o do ferro da forja. Neste, a luta das mãos com o calor intenso cria uma variedade de objetos surpreendentes e evidencia certo aspecto da obstinação humana. Evoca, ainda, a imensidão de sua criatividade. Mas não é com a matéria incandescente que se ocupa a psicanálise desde os seus primórdios?

A necessidade trazida pela pandemia de covid-19 de darmos sobrevivência às relações com nossos analisandos, e por extensão à própria psicanálise, foi atendida pelo uso dos canais de comunicação online. O ineditismo da situação, o desejo de seguirmos em frente, a impossibilidade momentânea de mantermos o contato com os analisandos na forma que conhecíamos, tudo isso forçou algo e forjou a criação de algo, sobre o que podemos refletir melhor agora, sem a premência daquele instante inicial.

Antes da pandemia, as experiências virtuais que eu havia tido eram as de uma supervisão e de um atendimento psicanalítico. A primeira foi longa e bastante produtiva. Já o atendimento, proposto pela própria analisanda, deixou-me com a sensação de estar empreendendo algo de qualidade duvidosa, muito diferente do que fazíamos anteriormente. O pedido aconteceu porque, ao mudar-se para um local no interior do país, não conseguia encontrar profissionais da área. Naquela situação, eu observava a ocorrência de diálogos

superficiais, factuais, não alcançando uma condição insaturada e sonhante. Os problemas técnicos frequentemente interrompiam a conversa e o próprio pensar. A paciente, no entanto, afirmava que eram proveitosos os nossos encontros e quis mantê-los por um bom tempo.

Assim, no início da pandemia, eu vivia um estado emocional de precariedade, por ter pouca experiência nesses formatos, e pela ocorrência de dificuldades com a internet, o som e a imagem. Hoje me indago se isso não estaria mais ligado às incertezas daquele momento assustador. Entretanto, não posso deixar de observar que a mesma sensação, gerada pelos significados do verbo *forjar*, com as contradições entre criação e falsificação, me acometia – e me acomete até hoje – ao pensar nas novas formas de atendimento. Estamos vivendo uma abertura para o novo, para a criação de horizontes mais amplos para nossa ciência? Ou trata-se de uma ilusão, um equívoco? Como poderíamos deixar de ter o contato íntimo com outra mente, “dispensando” o universo sensorial emanado no encontro de duas pessoas que compartilham o mesmo ambiente físico? Estávamos acostumados a caminhar a partir daí, de nossas percepções e observações diretas. Hoje temos novas referências, mas elas seriam, de fato, aplicáveis à nossa área? Seria possível aprender a trabalhar com elas e expandi-las?

Esses são os temas sobre os quais pretendo refletir com esta escrita, tendo como estímulo algumas experiências analíticas. A vivência clínica, com seus movimentos em travessia, é a nossa forja, acontece no calor do encontro humano. Falhas, erros e cegueira cursam lado a lado com inspiração, criatividade e genialidade. Boa parte daquilo que se aprende, se desenvolve e se estabelece como uma prática clínica consolidada provém da elaboração de perplexidades, de não saber o que fazer, de abordagens concorrendo, possivelmente, para decepções e surpresas sobre as condições que cada analista identifica (ou não) em si. Certamente a reflexão sobre a prática psicanalítica nos oferece, em concepções sucessivas, formulações sobre as perspectivas e os caminhos a seguir. No contexto atual, esse processo, incessante e complexo, abarca os fenômenos observados também nos atendimentos não presenciais, com todas as suas implicações.

Aventuras psicanalíticas no mundo virtual

Apresento, a seguir, breves passagens sobre o que me recorde de atendimentos online, em que combino um olhar longitudinal – alguns sobrevoos – com outros, mais pontuais, inserindo, em alguns momentos, as percepções e pensamentos que me ocorreram. Mas antes explico que não é meu objetivo aprofundar-me em questões psicodinâmicas ou da relação entre analista

e analisando. Tenciono apenas ampliar os pontos que propus na abertura do trabalho, acerca da viabilidade ou não de trabalhos online, focalizando preferencialmente seus aspectos técnicos. Ao escrever sobre um material clínico, ressalto que transito por alguns eixos: o da omissão, o da introspecção e o da ficção. Em primeiro lugar, omito e altero intencionalmente aspectos e dados que poriam em risco a identidade dos analisandos. Vou em busca de meu próprio anonimato, tentando falar de dilemas clínicos atuais, imaginando-os universais. Exponho uma pequena peça científica, resultado de momentos de recolhimento e ponderação sobre o trabalho clínico, ciente de que os variados atributos da atividade do psicanalista são autobiográficos (Bion, 1982; Meltzer, 1984/2022; Scappaticci, 2023). Entretanto, inspirada na literatura, compreendo que toda autobiografia é uma obra de ficção (Montero, 2004) – ficção presente ainda nos relatos que apresento a seguir, três recortes de sessões nas quais se utilizou, para o atendimento, a imagem do computador ou do celular.

Primeira situação

Ao atender a analisanda X, sempre me surpreendia ao abrir a sala virtual: ela usava roupas ou maquiagens artísticas, extravagantes, lembrando personagens teatrais, compondo um cenário impactante. Poderia estar ocupada, terminando de fazer alguma coisa, arrumando algo, escrevendo, parecendo não se importar muito com o início do encontro. Tivemos todo tipo de experiência: sessões em praças, em ruas, na faculdade, na cozinha usando o fogão, na sala da república. Algumas chamadas se encerraram abruptamente por falta de bateria do celular ou do computador, como eu vim a saber algum tempo depois. Eu instrumentalizava todas essas impressões para falar com ela sobre sustos, invasões, abandonos, medo, terror, assassinatos, entre outras questões. No início do trabalho, ela parecia não dar muita importância para as formulações com as quais eu descrevia alguns aspectos dela ou de nossa relação. O que aconteceu, no entanto, depois de algum tempo, foi uma aderência forte a mim, preenchendo as sessões com um falar incessante. Os impactos referidos, relativos a um psiquismo primevo, pareciam evocar questões de ausência de representação, de um universo pré-verbal. Eu participava dessas conversas e, em outro nível de minha mente, em simultaneidade, ocorriam notações (Bion, 1963/2016) sobre os movimentos psíquicos, com uma discriminação intuitiva de quais poderiam ser verbalizados sob a forma de interpretações e quais requereriam amadurecimento maior da dupla, e portanto espera. A natureza das percepções, muitas vezes perturbadoras, os processos de rêverie que ocorriam comigo, a intimidade psíquica que fomos construindo, legitimaram, para

mim, a forma de atendimento, observando quão significativos estavam sendo aqueles acontecimentos que vivíamos.

Em muitas sessões, quando chegávamos ao final do horário e eu a avisava, X se despedia e saía da sala virtual muito rapidamente, antes de mim. Imaginava que havia algo aterrorizante nessa separação: ela não podia ficar sozinha.

Segunda situação

Especialmente no início da análise, Y, uma jovem analisanda, faltava por esquecer as sessões. A isso seguiam-se pedidos urgentes de mudança de horário ou de reposição, justificados por questões importantes, surgidas de última hora. Ironicamente, havia me procurado por ter recebido o diagnóstico de transtorno do déficit de atenção, elaborado a partir de situações de ausências e desligamentos, semelhantes às que surgiam na análise. Dei prioridade, naquele momento, à colheita da transferência (Meltzer, 1967). Frequentemente pensava: se estou em casa, qual seria o problema de trocar um horário, de atender uma hora mais tarde ou de esperar um pouco? Mas isso não fazia parte de minha postura costumeira nos atendimentos presenciais. No entanto, no caso em questão, parecia que eu tinha apenas que ajudá-la em suas demandas e me adaptar às suas necessidades, e assim o fiz, por algum tempo.

Havia relatos seus de alguns comportamentos de risco, em momentos que me pareciam ser de muita angústia, mas também envolviam sumir de algum local ou se distanciar de alguma pessoa, sem a avisar. Essas situações despertavam em mim desejos de alertá-la sobre os perigos, em vez de construir alguma narrativa que comunicasse aspectos seus. Por exemplo, os de projetar ou “exportar”, para outra pessoa, um sentimento de terror diante da ausência. Novamente fantasiava que “ao vivo” seria melhor, que, se eu estivesse junto dela “de verdade”, talvez lidássemos com essas questões com mais segurança. Imaginava que não daríamos continuidade, porque o vínculo parecia precário, e uma parte dessa percepção eu atribuía ao método online, pois parecia insuficiente, em face da turbulência que se apresentava.

Y podia faltar vezes seguidas, sem aviso, e de repente retornar, demonstrando precisar muito de nossas conversas. Nunca a qualidade de vínculo tênue mas tenaz (Bion, 1955/1967) fez tanto sentido para mim. Confiando na dimensão da tenacidade, e por uma questão realística de não ter como providenciar novos horários a toda hora, mas principalmente por identificar minhas manifestações contratransferenciais, decidi não fazer mais mudanças. No momento citado nessa análise, pareceu-me importante, por meio de uma espécie de ação, não trocar mais seus horários, evidenciando para ela que não tínhamos todo o tempo do mundo, que nem eu nem ela teríamos disponíveis

todos os horários da semana (somos mortais, portanto). Essa postura parece ter resultado em diminuição de ausências e atrasos, havendo uma apropriação mais ampla, por parte de Y, de sua análise. Era significativo, desde o início, que os temas déficit de atenção ou déficits, isoladamente, surgiam não só como queixas sintomáticas, mas também nas entrelinhas da nossa relação. Eu ficava com suas faltas, sua participação deficitária no trabalho, e ela se queixava do que faltava em si, daquilo que tinha que melhorar. Gradualmente pude investigar, com ela, as situações relatadas de “sumiço” e compará-las com o que ocorria em suas ausências da análise, havendo uma ampliação do olhar da dupla sobre essas ocorrências, com evolução no trabalho.

Terceira situação

O analisando Z não olhava para mim durante um atendimento. Parecia estar tomando notas, e eu não conseguia ver o que ele estava fazendo. Quando perguntei se estava escrevendo, ele explicou que estava desenhando. Perguntei o que era o desenho, e ele respondeu que não sabia ainda. Indaguei se isso não o distraía do fato de estarmos juntos, mas ele argumentou que, enquanto conversávamos, estava, quase inconscientemente, desenhando sobre a nossa conversa. Achei interessante. Falávamos basicamente sobre coisas que ele vinha realizando em sua vida profissional, com sucesso, com as quais estava bastante satisfeito. Quando terminou nosso horário e pedi para ver o que ele tinha desenhado, colocou o papel em frente à tela e me mostrou um desenho belíssimo. Era a figuração de um rosto feminino feito com muitos traços, bem delicados, que se sobrepunham numa espécie de emaranhado. O desenho me causou uma profunda impressão, sendo também a constatação de uma sensibilidade que eu não havia notado até então.

Enfatizei a conexão consigo, a nossa conexão, e a imersão em si mesmo que possibilitava, como naquele momento, o expressar-se, parecendo ser um fruto de suas condições criativas, em elaboração, e de nosso trabalho (nossa forja).

As travessias da técnica psicanalítica

Entre o autobiográfico e certa “liquefação” do setting analítico

Em minha formação, o estudo do pensamento de Bion representou um elemento fundante. O que primeiro aprendi com ele e com os demais autores pioneiros (Freud e Klein, e posteriormente Meltzer) sofreu um enraizamento profundo em minha maneira de trabalhar. Meus olhares, ao longo das décadas,

se multiplicaram em muitas direções, com diversos novos autores, sem nunca, no entanto, me afastar muito desses quatro troncos e dos ramos que se derivaram deles. Para mim, estabelecer um setting com bom senso e regras claras, ter uma condição física de atendimento com conforto, privacidade e discrição, zelar pela aplicação do método analítico – atenção flutuante, observação isenta, intuição, teoria analítica funcionando como um guia implícito – sempre foram os pilares de meu modo de trabalho, construídos, lenta e persistentemente, na labuta de aprender a ser psicanalista, sempre em construção, na infinitude dessa experiência, revisitada a cada passo.

A passagem repentina e integral de uma clínica assim formada para o modo online pareceu a mim, a princípio, prejudicar esse conjunto valoroso, construído com uma prática clínica constante e todos os seus desdobramentos: análise, supervisões, seminários clínicos e teóricos, leituras – enfim, tudo aquilo que é requerido do psicanalista que se propõe a desenvolver um trabalho significativo com seus analisandos.

As mudanças pretendidas para viabilizar os atendimentos online durante a pandemia me pareceram, inicialmente, um espalhamento, uma inconsistência (ou liquefação). Tudo se mostrava precário e insuficiente. Pensava que o estabelecimento de um setting bem estruturado (concreto e mental) ficava em risco. Disso parecia decorrer, por extensão, um prejuízo das funções de um continente suficiente o bastante para as situações de angústia acentuada de todos os analisandos – e a minha própria – frente ao impacto causado pelos riscos sanitários. Impossível não evocar as obras de Zygmunt Bauman, não só pelas dispersões que ele descreve/denuncia em todos os campos de nossa sociedade, mas também pelo seu apontar das mudanças, as quais não podemos mais barrar, que se impõem por todos os lados, descontrolada e invasivamente. Algumas abruptas, como as da pandemia; outras que se desenvolveram mais ou menos paulatinamente, como as dos campos culturais, científicos, filosóficos, de costumes, da sexualidade e tantos outros.

Muitas vezes julgava (e ainda julgo) que essa liquefação, digamos assim, decorria do trabalho online. Um exemplo prático é o das falhas tecnológicas, que poderiam interromper a sessão ou inviabilizá-la, dissolvê-la. Mas não só isso. Pegava-me pensando algumas vezes – como no atendimento descrito na segunda situação clínica, Y – em uma flexibilização dos compromissos tratados. Os pacientes também pareciam esperar combinações mais “soltas”. De meu lado, indagava-me como contaria com minha função analítica em todo esse cenário, tão distinto do habitual.

De volta às minhas origens e à correspondente identidade construída, constato que minha função psicanalítica, preferencialmente, tem como ponto de partida um “radar” disponível a captações da mente primitiva (Klein, 1935/1996) ou da mente primordial (Bion, 1961, 1992/2000), algo possível

a partir da presentificação do encontro humano e de seu “calor”. Em minha tradição, esse contato com a mente mais incipiente vinha das impressões sensoriais e de seus destinos (Bion, 1963/2004). Desse modo, nas primeiras experiências dos atendimentos online, criar uma linguagem que evidenciasse essas dimensões ainda era sentido como precário. Por outro lado, identifiquei em mim uma disponibilidade para processar os impactos e um interesse em conhecer a natureza das mudanças sociais e tecnológicas. Algo a ser investigado, explorado, sempre sob um olhar aberto, olhar que a própria psicanálise nos propicia.

Imediatismo, prontidão, espera

Thomas Ogden (comunicação pessoal, 2023) considera fundamental o movimento do analisando de ir ao encontro de seu analista, física e geograficamente, pois isso envolve um preparo do psiquismo para o mergulho introspectivo e, portanto, para ampliações do autoconhecer. Em meu modo de ver, há um forte simbolismo no fato de irmos em busca de alguém para conversarmos em uma condição de intimidade. Todos sabemos como os arranjos físicos são objeto de projeções, e portanto de transferência. A partir das emoções que vêm do contato com o mundo do analista, com a chegada a seu espaço físico e com sua figura real, há todo um potencial para saltos imaginativos, para criações e aberturas. O analisando vem para o encontro com suas vestimentas, com os objetos que carrega consigo, com sua expressão afetiva, sua atitude corporal e as respectivas manifestações, sua presença viva. Indo ao território do analista, encontra algo arranjado e fornecido pelo analista, que independe de si. Aqui me ocorre a figura mítica do xamã, que vive fora da aldeia, demandando esforços e movimentos para sua busca e subsequente encontro. Fica evidenciado que, nesse trajeto, em que se vai em busca de um outro, há um intervalo de tempo e espaço.

No modo online temos outras referências. O contato se inicia pela instantaneidade da abertura da sala virtual ou da chamada do WhatsApp. A despedida também pode ser imediata, como vimos numa das vinhetas clínicas. Isso reproduz algo que se expressa enfaticamente em nossa cultura: a fantasia de que tudo que desejamos, ou necessitamos, poderia ser obtido com alguns cliques, rapidamente, sem nem sairmos de nossas casas.

Ficamos, assim, propensos a observar quais são as premissas psíquicas contidas na ação de ligar um dispositivo eletrônico e o analista já estar lá. Ou, alternativamente, o analisando já estar lá. Ou não estarem mais. O ponto não é considerar que poderíamos evitar imediatismos, pois também não os evitamos no modo presencial, já que isso se coloca sempre; é um desejo humano.

Se lembrarmos do modo presencial, estamos familiarizados com as solicitações de alguém que telefona utilizando a conhecida e peculiar expressão “preciso de um horário para ontem”, com as incontáveis buscas por curas, remédios, compreensões, explicações. Quantas vezes isso fica implícito nos pedidos de alguns pais que, afobados, procuram para os filhos alguma abordagem rápida (e de preferência eficaz) para situações que provêm de temas de uma vida inteira, senão de temas transgeracionais. Pais que esperam que os misteriosos problemas humanos sejam reduzidos e resolvidos, em vez de conhecidos. Voltando ao mundo online: seu imediatismo contém, na verdade, outras apresentações e outros invólucros para velhas questões.

Um outro aspecto é que passamos a ter acesso a universos a que não tínhamos antes: um acesso concreto (embora virtual) à vida dos analisandos. Somos apresentados às suas casas, com seus cômodos e objetos, às faculdades, às praças que frequentam, aos seus carros, e até a pessoas. Novas formas, novos conteúdos, novos universos, que tanto poderiam paralisar nossa mente como ter um significativo potencial simbólico, pontos de partida que não teríamos no método presencial.

Nos cenários apresentados pelos analisandos, podíamos observar e intuir o que se passava com eles. Como uma adolescente cuja mãe a proibia de trancar a porta do quarto e entrava, às vezes, no meio da sessão; ou uma jovem que mostrava o quarto enfeitado com uma coleção de mandalas; ou ainda uma analisanda esportista que exibia suas competências quase acrobáticas durante uma sessão. Conhecemos as (in)discriminações dos analisandos, sua condição ou não em diferenciar o público do privado, suas precariedades, seu aparente lugar no mundo, ou seus modos de vagar sem rumo. Passamos a ter acesso, nos atendimentos, a essas novas referências, como se o setting fosse algo compartilhado ou, então, que estivesse sendo oferecido pelo analisando também. A ideia de os analisandos, no mundo online, se apresentarem com um “setting próprio” me levou a pensar numa formulação de Bauman (2000/2021), em que, ao descrever as críticas à modernidade, usa o modelo do trailer se instalando num camping, que é diferente do modo como o hóspede se instala num hotel. Assim, no mundo virtual, é necessário outro tipo de espaço mental para quem chega.

Exemplificando: no começo eu sugeria à pessoa que achasse em sua casa ou trabalho um lugar fechado, com privacidade, para que conversássemos. Hoje não interfiro e fico em estado expectante sobre o que vai se apresentar. Tento conversar sobre o que está surgindo em termos de locais – ou outras situações –, pensando junto com o analisando. Nesses atendimentos, esse “setting do analisando”, como estou denominando, é parte de sua comunicação. Em vez de um obstáculo, pode se constituir em nova fonte de observação no encontro analítico.

Sensorialidades, intuições e hospitalidades

Ao ter essas novas vivências, prescindindo do universo sensorial contido no encontro presencial, constato que pude contar com muitos aspectos do meu treinamento psicanalítico – o treinamento proveniente de minhas origens e aquele que é cotidiano, e portanto contínuo. Parece-me que modos de trabalhar que contemplam a captação de aspectos da mente primordial (Bion, 1961, 1992/2000) proporcionaram recursos para fazer frente às novidades trazidas por essa forma de atender. Muitas situações no universo online ficam próximas, em meu modo de ver, ao mesmo trabalho psíquico requerido para lidarmos com estados pré-verbais. Nunca me vi com tantas demandas para empreender construções psicanalíticas diante de vazios, silêncios, ausências, parecendo não haver muitas formas de representação naqueles contatos.

Com a experiência se tornando mais consistente, falhas, ruídos, quedas de aparelhagem ou de internet puderam sofrer transformações em sonhos, em imaginação, em concepções. A reflexão sobre essas ocorrências possibilitou o desenvolver de uma técnica, em que a intuição psicanaliticamente bem treinada (Sapienza, 2001) e a capacidade negativa (Bion, 1967/2018) passaram a ser os componentes principais. A observação direta deu mais espaço à intuição (Braga, 2021). Isso pressupõe um contato muito íntimo do analista consigo, com seus próprios recursos psíquicos. Os desafios e desconfortos vividos reivindicaram uma disposição de hospitalidade ao outro e ao próprio mundo interno.

Pensando em hospitalidade, Assis (2010) a descreve como fruto de uma relação, em que hóspede e hospedeiro se afetam, se influenciam. Nossos “hóspedes” hoje podem estar além das lentes, podem estar imersos nas imagens e nos sons reproduzidos pela tecnologia, mas a conexão entre analista e analisando pode se manter viva. Recordo-me de uma analisanda que conversava somente por áudio, pois gostava de se deitar em sua casa, como num divã. Além das comunicações verbais, muitas vezes eu percebia seu choro silencioso e tantos outros estados emocionais, mesmo sem ter sua imagem ali disponível.

Indago, portanto, se a hospitalidade intersubjetiva e intrassubjetiva, como desenvolve Assis em seu trabalho, não poderia ser pensada como etapa preparatória, anterior ao emergir intuitivo. Ou talvez ser parte constituinte da intuição do analista. Essa é uma questão sobre a qual venho refletindo há um certo tempo e que pretendo desenvolver mais.

Considerações finais

Tentei fazer algumas incursões exploratórias neste trabalho, ponderando que para refletirmos sobre qualquer campo é requerida, sempre, a experiência.

Em nosso caso, são os encontros com nossos analisandos e o que dali aprendemos. Considero que às reflexões empreendidas anteriormente, no modo presencial, se acrescentaram outras, de grande complexidade. Há um universo novo (e desconhecido) a ser explorado, o que é estimulante; porém, ao desenvolvermos novas possibilidades de atendimento, nos damos conta de sua imponente presença.

Percebia, em minhas primeiras sessões virtuais, que tudo que eu ia vivendo e temporariamente concluindo passava por um pêndulo movimentado pelos conceitos de forjar como falseamento e forjar como criação. A motivação para este trabalho, creio, foi a tentativa de investigar e localizar (ou não) o método psicanalítico nos atendimentos online. Pensava que, ao abraçar as mudanças, não poderíamos perder o método psicanalítico e a sua essência; seria preciso proteger a psicanálise de uma adulteração, ou então da perda de sua força e especificidade. Inicialmente imaginei traçar um panorama das faltas e falhas do modo online, até que me dei conta da existência óbvia de incontáveis problemas no modo presencial também! Apenas suas naturezas são distintas, e as comparações talvez nem sejam possíveis de ser estabelecidas.

A psicanálise, em seu desenvolver, sempre correu riscos. Suas bases algumas vezes foram ameaçadas por diversos motivos, havendo dúvidas sobre sua continuidade em muitos momentos. O exemplo célebre é o fracasso da teoria da sedução de Freud. O método psicanalítico, no entanto, propiciou o salto, a transformação do factual em manifestação psíquica, o olhar inovador, sempre para o mundo interno, e sempre para a relação analista/analisando. Creio que estamos vivendo algo similar; estamos desenvolvendo novas possibilidades de interação e novas formas de trabalhar. Não sem surpresa, observando os sentimentos que acompanhavam as dificuldades das primeiras experiências de atendimento online, notei que elas passaram a ser material para instrumentalizar o pensar, e não para prejudicá-lo. O salto havia ocorrido!

Ainda que eu termine esta escrita num otimismo realista, pondero que os trabalhos online podem não ser aplicáveis a todas as situações. Certamente é preciso pesar que pode funcionar para alguns analisandos, mas para outros não. Talvez não tenhamos capacidades suficientes para nos arriscarmos em certas situações (o mesmo acontecendo nos atendimentos presenciais). Finalmente, nem todos os analisandos apreciam o modo virtual. Alguns afirmam que o contato se empobrece e, assim, fazem questão do encontro presencial. O recorte que fiz centrou-se em analisandos jovens. Há que se pensar em desdobramentos sobre o trabalho com adultos, com idosos, muitas vezes não tão familiarizados com esses mecanismos tecnológicos. E nós, analistas, podemos sentir da mesma forma. E isso nada tem a ver com desmerecimento, com incompetência, qualquer que seja a condição ou a escolha.

Além das preferências pessoais, dos desejos e das condições de cada dupla formada, também temos que levar em conta, prudentemente, que não seria possível um atendimento virtual em situações nas quais a concretude do pensar seja predominante, como em alguns quadros psicóticos, ou em certos estados autísticos; ou ainda em qualquer condição dos analisandos em que a simbolização, a capacidade de representação e as condições de verbalização estejam seriamente comprometidas. Nesses casos, penso que o atendimento virtual fica inviável, e a presença real de analista e analisando, em um local estável e previsível, é condição imprescindível.

Indago se a ocorrência de intuição e sua aplicação no trabalho clínico online, da forma como descrevi e vivi, seria possível para alguém que não tivesse tido o treinamento psicanalítico tradicional, com os componentes que citei ao falar dos aspectos autobiográficos. Preocupo-me com a transmissão da psicanálise e com os rumos que as novas possibilidades de formação analítica têm tomado, sem tanta ênfase no contato presencial em seminários e supervisões, nem mesmo para as chamadas análises de formação. Esse também é um campo em movimento, que requer muito mais atenção e discussões.

Fico satisfeita em terminar esta escrita com mais aberturas que respostas: tudo o que apresentei é parcial; são incontáveis os aspectos desses atendimentos que não foram alcançados por minhas reflexões atuais, previsivelmente temporárias. Os conhecimentos sobre os novos métodos estão apenas começando, e muitos desenvolvimentos acontecerão, não somente em nossa área de trabalho, mas em nosso mundo, de um modo amplo. Espero que consigamos manter nossa filiação psicanalítica e uma criatividade forjadora no calor de nossas mãos analíticas. Muito ainda está por vir e espero viver para ver.

Creando dimensiones: las consultas en línea y las reconfiguraciones del trabajo psicoanalítico

Resumen: La autora aborda aspectos de las nuevas posibilidades de consulta en psicoanálisis que utilizan los medios tecnológicos, como las plataformas en línea. Presenta fragmentos clínicos de consultas realizadas en esa forma y señala algunas dificultades para consolidar el trabajo analítico. Evidencia expresiones de la realidad psíquica y de la interacción analista-analizando, captadas y desarrolladas en esa modalidad. Considera las modificaciones necesarias, tanto en la técnica como en el encuadre analítico, evaluando cuáles resultan indeseables y cuáles se valen de este medio de contacto para favorecer la expansión del trabajo. Destaca, en los materiales clínicos presentados, aquellas que ocurren sin renunciar al método y al pensamiento psicoanalítico.

Palabras clave: consulta en línea, técnica psicoanalítica, encuadre analítico, método psicoanalítico

Creating dimensions: online care and the reconfigurations of the psychoanalytic work

Abstract: The author approaches aspects of the new possibilities of psychoanalytic care that make use of technological means, such as online platforms. She presents clinical excerpts from consultations carried out in this form of care, and indicates some difficulties for the analytic enterprise to be consolidated. She points out expressions of the psychic reality and of the analyst-analysand interaction, apprehended and developed in that modality. She considers the necessary modifications, both in the technique and in the analytic setting, conjecturing on which ones are undesirable and which make use of the contact means in order to favor the work expansion. In the presented clinical materials, she highlights the ones that occur without renouncing the psychoanalytic method and thinking.

Keywords: online care, psychoanalytic techniques, psychoanalytic setting, psychoanalytic method

Créer des dimensions : les consultations en ligne et les reconfigurations du travail psychanalytique

Résumé : L'auteur traite des nouvelles possibilités de consultation en psychanalyse en utilisant des moyens technologiques tels que les plateformes en ligne. Elle présente des extraits cliniques de consultations réalisées dans cette forme et souligne certaines difficultés liées à la consolidation du processus analytique. Elle met en évidence des expressions de la réalité psychique et de l'interaction analyste-analysant, saisies et développées dans cette modalité. Elle propose des considérations sur les modifications nécessaires, tant dans la technique que dans le cadre analytique, en conjecturant quelles transformations sont indésirables et quelles utilisent ce moyen de contact pour enrichir le travail. Elle souligne, dans les matériaux cliniques présentés, celles qui se produisent sans renoncer à la méthode et à la pensée psychanalytique.

Mots-clés : consultation en ligne, technique psychanalytique, cadre analytique, méthode psychanalytique

Referências

- Assis, M. B. A. C. (2010). Hospitalidade no encontro analítico. *Berggasse 19*, 1(1), 117-135.
- Bauman, Z. (2011). *Modernidade líquida* (P. Dentzien, Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 2000)
- Bion, W. R. (1961). *Experiences in groups and other papers*. Tavistock.

- Bion, W. R. (1967). Differentiation of the psychotic from the non-psychotic personalities. In W. R. Bion, *Second thoughts: selected papers on psychoanalysis* (pp. 43-64). William Heinemann. (Trabalho original publicado em 1955)
- Bion, W. R. (1982). *The long weekend: 1897-1919: part of a life*. Routledge.
- Bion, W. R. (2000). *Cogitações*. (E. H. Sandler & P. C. Sandler, Trans.). Imago. (Trabalho original publicado em 1992)
- Bion, W. R. (2004). *Elementos de psicanálise* (J. Salomão, Trad., 2ª ed.). Imago. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bion, W. R. (2016). A grade. In W. R. Bion, *Domesticando pensamentos selvagens* (L. C. U. Junqueira Filho, Trad., pp. 13-35). Blucher; Karnac. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bion, W. R. (2018). Negative capability. In W. R. Bion, *Three papers of W. R. Bion* (pp. 18-54). Routledge. (Trabalho original publicado em 1967)
- Braga, J. C. (2021). Cogitações sobre experiências emocionais e intuições a partir da experiência com o atendimento psicanalítico a distância. *Berggasse 19*, 11(1), 17-26.
- Houaiss, A. & Villar, M. S. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Objetiva.
- Klein, M. (1996). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In M. Klein, *Obras completas de Melanie Klein* (A. Cardoso, Trad., Vol. 1, pp. 301-329). Imago. (Trabalho original publicado em 1935)
- Melo Neto, J. C. (1997). O ferrageiro de Carmona. In J. C. Melo Neto, *A educação pela pedra e depois* (pp. 288-289). Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1988)
- Meltzer, D. (1967). *The psychoanalytical process*. Clunie.
- Meltzer, D. (2022). O sonhar para aprender da experiência no paciente e no analista. In D. Meltzer, *Vida onírica: uma revisão da teoria e da técnica psicanalítica* (V. L. Siqueira, Trad., pp. 253-262). Blucher. (Trabalho original publicado em 1984)
- Montero, R. (2004). *A louca da casa* (P. Wacht & A. Roitman, Trans.). Ediouro.
- Sapienza, A. (2001). O trabalho de sonho-alfa do psicanalista na sessão: intuição-atenção-interpretção. In A. Sapienza, *Reflexões teórico-clínicas em psicanálise* (pp. 229-240). Blucher.
- Scappaticci, A. L. M. S. S. (2023). *Psicanálise: uma atividade autobiográfica*. Blucher.

Recebido em 22/11/2024, aceito em 5/12/2024

Beatriz Troncon Busatto
beatriztbusatto@gmail.com

DOI: 10.69904/0486-641X.v58n4.09